



CASO EPSTEIN

# Lei blindada vítimas de predadores sexuais

Projeto de legislação apresentado no Congresso dos EUA derruba prazos para vítimas denunciarem algozes. Texto homenageia Virginia Giuffre, estuprada por financista. Sobreviventes de abusos cometidos pelo pedófilo falam ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Advogada Virginia Giuffre, símbolo da luta pelas vítimas do tráfico sexual e sobrevivente dos abusos cometidos pelo financista norte-americano Jeffrey Epstein, se matou em 25 de abril de 2025. Nove meses e 16 dias depois de sua morte, o Congresso norte-americano apresentou a Lei de Virginia — o texto elimina limites de prazo para que os sobreviventes de predadores sexuais apresentem ações civis. O senador democrata Chuck Schumer explicou que a legislação abrirá “novas vias legais” para as vítimas buscarem uma reparação. “A justiça não deveria prescrever, pois, para os sobreviventes, a cura não segue o ritmo do governo. Durante anos, os sobreviventes dos abusos de (Jeffrey) Epstein foram ignorados... Mesmo quando o mundo finalmente os escutou, muitos deles ainda ouviram da lei: ‘É tarde demais, sua justiça prescreveu’. A Lei de Virginia muda isso”, observou o congressista.

O projeto de lei foi apresentado durante entrevista coletiva no Capitólio, que contou com a presença de Sky Roberts, irmão de Giuffre. Emocionado, ele leu um comunicado da família no qual destacou que a lei prometerá às vítimas “o direito de buscarem justiça, não importando o status social, a riqueza ou o poder dos agressores, nem quando o abuso ocorreu”. “O sonho de Virginia era de inspirar e encorajar as vítimas a denunciarem (seus algozes)”, declarou Roberts.

Para se tornar lei de fato, o texto tem de passar pelo crivo da Câmara dos Representantes e do Senado e pela sanção do presidente Donald Trump. Ontem, o secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick, admitiu ter visitado a ilha do pedófilo e traficante sexual, mas negou qualquer vínculo com o financista, encontrado morto em sua cela de prisão, em Nova York. Três sobreviventes dos abusos de Epstein

Bendan Smialowski/AFP



A deputada democrata Teresa Fernandez abraça Sky Roberts, irmão de Virginia Giuffre, vítima de Jeffrey Epsein, durante evento no Capitólio

destacaram a importância da proposta apresentada por Schumer.

## Infância roubada

“Conheci Epstein quando eu tinha 16 anos. Fui sexualmente abusada por Jeffrey e estive em sua órbita por dois anos”, desabafou ao **Correio** Haley Alexa, hoje com 39 anos e atuante no ramo da hotelaria em West Palm Beach, na Flórida. “O abuso sexual e os atos hediondos que sofri me levaram a mais abusos. Destruíram minha capacidade de confiar, de ter relacionamentos saudáveis e de estabelecer limites. Jeffrey roubou minha infância e minha inocência”, acrescentou. Ela defende que não deveriam existir restrições em

relação ao momento em que crianças e mulheres escolhem denunciar um episódio de violência sexual.

Alexa fez questão de enviar um recado a outras potenciais vítimas de Epstein, que temem falar sobre os abusos. “Por favor, na condição de sobrevivente, se você se manifestar, procure um terapeuta. É muito difícil lidar com a toxicidade da divulgação desses arquivos do caso Epstein. Cerque-se de pessoas que estão ativamente em recuperação”, aconselhou a hoje membro da diretoria da ONG Survivorsinc.org e defensora dos direitos humanos.

A ex-modelo norte-americana Lisa Phillips foi abusada pela primeira vez por Jeffrey Epstein durante uma massagem. Tinha 20 anos. A

violência sexual se estendeu por cerca de 36 meses. Ao **Correio**, ela admitiu que “a nova legislação é muito importante por permitir que as vítimas processem seus agressores”. “Muitas sobreviventes de predadores são manipuladas por meio de controle coercitivo e levam muitos anos para compreender o abuso que sofreram”, destacou. “Apesar de termos leis contra a pedofilia e o abuso sexual, elas não são aplicadas quando os agressores são extremamente ricos. Eles conseguem viver segundo regras diferentes.”

De acordo com Phillips, ainda existe nos EUA uma falta de compreensão da complexidade do abuso sexual, o que torna a responsabilização mais difícil. “Além disso, a

pedofilia é, frequentemente, um assunto sobre o qual a maioria das pessoas não se sente confortável para falar”, disse. A brasileira Marina Lacerda, 37 anos, sofreu abusos de Epstein dos 14 aos 17. “Considero a Lei de Virginia muito importante. Ela falará com que as pessoas pensem duas vezes antes de cometer abusos, pois permitirá que as mulheres persigam seus abusadores e os levem aos tribunais”, afirmou ao **Correio**. Lacerda vê uma falta de determinação do governo em lidar com os abusos. “Acho que poderosos nos Estados Unidos estão tomando controle do caso e escapando de uma punição. Nós veremos alguns nomes que tinham sido censurados, gente muito poderosa. Falta responsabilização nos EUA.”

## Vozes das vítimas

Instagram



“A verdadeira cura ocorre quando você começa a falar e a expressar em voz alta o que aconteceu com você. Isso faz com que você se liberte da vergonha. Você não precisa mais carregar esse peso.”

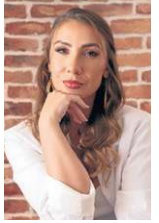
**LISA PHILLIPS**, ex-modelo americana, abusada por Epstein aos 20 anos, entre 2000 e 2003



“Há uma falta de compromisso dos EUA em punir pedófilos e proteger vítimas. Nossa sociedade tenta normalizar o estupro de crianças. Ser sobrevivente dos abusos de Epstein significa enfrentar o sistema demoníaco e unilateral em benefício de todos os sobreviventes. Significa dar luz àqueles que estão na escuridão.”

**HALEY ALEXA**, 39 anos, abusada por Epstein dos 16 aos 18 anos, entre 2002 e 2004

Arquivo pessoal



“Estou muito feliz que possamos ter dado esse passo, graças a Deus e à Virginia Giuffre. Ela tornou isso possível. Também destaco o trabalho de seu irmão Robert Sky, que lutou por isso. Tivemos um grande dia nos Estados Unidos. Isso, definitivamente, dá mais suporte às vítimas e sobreviventes.”

**MARINA LACERDA**, brasileira, abusada por Epstein dos 14 aos 17

## AMÉRICA DO SUL

# Presidente da Colômbia denuncia suposta tentativa de magnicídio

O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, assegurou que escapou de uma tentativa de assassinato quando voava em um helicóptero. A denúncia ocorreu depois de meses de advertências sobre um suposto plano de narcotraficantes para atentar contra sua vida. A mandatário esquerdista afirmou que, na noite de segunda-feira, não pôde aterrissar no departamento de Córdoba, no Caribe colombiano, pois “temia” que “atrassem” em sua aeronave. “Pegamos mar aberto (durante) quatro horas e acabei onde não deveríamos estar, escapando por pouco da morte”, declarou Petro em uma reunião com ministros transmitida ao vivo. A revelação coincide com o pico de violência que abala a campanha eleitoral a três meses do pleito presidencial, no qual, por lei, não pode tentar a reeleição.

Petro garante que um “novo conselho do tráfico de drogas” quer assassinar-lo desde que chegou ao poder, em agosto de 2022. Nesse suposto complô participam narcotraficantes que vivem no exterior e

Presidência da Colômbia/AFP



Gustavo Petro em reunião com ministros: “Escapei por pouco da morte”

guerrilheiros como Iván Mordisco, o criminoso mais procurado do país e líder da maior dissidência da antiga guerrilha das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) que firmou o acordo de paz de 2016.

Córdoba é área de atuação do Clá do Golfo, o maior cartel do país, que decidiu suspender os diálogos de paz na semana passada, depois que Petro acordou

com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, iniciar uma caçada a seu líder, conhecido como Chiquito Malo.

A Colômbia tem uma lista longa de dirigentes de esquerda assassinados, incluídos candidatos presidenciais, por alianças entre traficantes, grupos paramilitares e agentes do Estado. Petro, o primeiro presidente de esquerda na

história do país, denunciou, em 2024, outra suposta tentativa de assassinato, que o impediu de assistir a um desfile militar em 20 de julho daquele ano.

## Sequestro de senadora

Uma senadora indígena ficou sequestrada por algumas horas, ontem, na mesma área em que o presidente denunciou um plano para assassiná-lo. A senadora Aida Quilcué, de 53 anos, foi raptada junto com seus dois escoltas no departamento do Cauca, uma região conflituosa e produtora de coca controlada por dissidências das Farc que se afastaram do acordo de paz firmado em 2016.

Sua equipe de trabalho informou, por meio da rede social X, que um grupo de indígenas a resgatou em uma “ação rápida”, em um país onde as autoridades dos povos originários por vezes enfrentam grupos rebeldes. A caminhada em que ela viajava junto com seus escoltas havia sido abandonada em uma estrada.

# Prisão domiciliar para aliado de María Corina

Em meio ao clima de tensão e com oco provocado pela nova prisão de Juan Pablo Guanipa, a Justiça da Venezuela determinou que o aliado da Nobel da Paz María Corina Machado cumpra a pena em regime domiciliar. Guanipa tinha sido libertado no domingo e recapturado, por se manifestar e exigir eleições. O ex-parlamentar de 61 anos passou quase nove meses preso acusado de conspiração. Nas quase 12 horas em que esteve livre no domingo, visitou familiares de presos políticos, percorreu Caracas em uma caravana, gritou palavras de ordem em frente à temida prisão do Helicoide e exigiu novas eleições.

Pouco antes da madrugada, foi novamente detido. A Promotoria argumentou que ele violou sua liberdade condicional e solicitou prisão domiciliar. “Ele está na minha casa, em Maracaibo”, escreveu o filho Ramón Guanipa na conta do opositor no X. “Meu pai continua injustamente preso, porque prisão domiciliar continua sendo prisão e exigimos sua liberdade plena e a de todos os presos políticos.” Guanipa retorna à detenção no momento em que se espera que o Parlamento aprove uma anistia geral, a qual incluía os 27 anos do chavismo no poder.



Pedro Malley/AFP

**O ex-deputado venezuelano Juan Pablo Guanipa, depois de sua rápida libertação, no domingo**

A iniciativa é impulsionada pela presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, que assumiu o governo desde a captura do ditador Nicolás Maduro, em 3 de janeiro, durante uma incursão militar dos Estados Unidos. Ontem, cerca de 40 parentes de prisioneiros políticos participaram de uma manifestação em frente à Assembleia Nacional, dominada pelo chavismo, a fim de exigir rapidez na aprovação da legislação. O texto passa por uma consulta pública antes do segundo e definitivo debate. “Anistia já!”, pediam. “Nenhum é criminoso, todos são inocentes.”